

Macabéa

Revista Eletrônica do Netli, Volume 8, Número 2, Jul.-Dez., 2019

HUMBOLDT É NOSSO PAI: ENSAIO SOBRE A CULTURA, A LINGUAGEM E A ETNOLINGUÍSTICA



HUMBOLDT IS OUR FATHER: ESSAY ON CULTURE, LANGUAGE AND ETHNOLINGUISTICS

Denise Gomes-Dias
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 15/01/2019 • APROVADO EM 23/05/2019

Abstract

This essay discusses the status of Ethnolinguistics in the field of language studies, with special focus on the contributions of Wilhelm von Humboldt (1767-1835). His ideas situate linguistic research in an authentically anthropological dimension, integrating it with the effort to understand the human being in his various levels of activity and interactions. According to Humboldt's approach, language and human nature would both proceed simultaneously and reciprocally, from the depth of the *anima*. From this perspective Linguistics joins the universal scope of a collective commitment to the understanding of the human spirit. In addition to Humboldt (1990), the present discussion is based on the ideas of E. Coseriu (1978), M.C Velarde (1991) and R. Cardona (2006). Those authors contribute to the understanding of the scope of Ethnolinguistics in the light of wider cultural patterns under which linguistic use should be studied.

Resumo

Este ensaio discute o lugar da Etnolinguística no campo dos estudos da linguagem, com especial enfoque para as contribuições de Wilhelm von Humboldt (1767 – 1835). Suas ideias situam a investigação linguística numa dimensão autenticamente antropológica, integrando-a ao esforço pela compreensão do homem em suas várias esferas de atuação. Em sua abordagem, a língua e a natureza humana procederiam, ambas simultaneamente e em recíproca conformidade, da profundidade incansável da *anima*. A Linguística, sob essa perspectiva, se filia ao escopo máximo e universal de um empenho coletivo para a compreensão do espírito humano. Além de Humboldt (1990), fundamentam a presente discussão as ideias de E. Coseriu (1978), M. C. Velarde (1991) e R. Cardona (2006), que colaboram para a compreensão do escopo da Etnolinguística à luz das pautas culturais mais amplas às quais está submetido um uso linguístico sob estudo.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Ethnolinguistics. Wilhelm von Humboldt. Language and culture. Linguistics and ethnography. Anthropological linguistics.

PALAVRAS CHAVE: Etnolinguística. Wilhelm von Humboldt. Linguagem e cultura. Linguística e Etnografia. Linguística Antropológica.

Texto integral

“Humboldt é nosso Pai!”. Assim o Prof. Harald Thun iniciou sua fala de abertura no *Sprachwissenschaft & Ethnographie - Arbeitstagung* (Workshop Linguística e Etnografia), numa manhã do inverno de 2001, no Seminário de Romanística da Universidade de Kiel, na Alemanha. Era um pequenino e animado grupo à volta da grande mesa do gabinete do Professor Thun. Além de nós, ali estavam apresentando seus trabalhos: Salvatore D’Onofrio (Palermo/Lecce); Silke Göttisch-Elten (Kiel); Béatrice Jacobs (Kiel), além de alunos do próprio Seminário. Na programação do Workshop, inspirado pelas ideias de Humboldt, tratamos de diferentes abordagens para os fatos de cultura que eram objetos dos nossos interesses variados: os saveiros da Bahia; formas de parentesco na Sicília; os carbonários de Nebrodi; a tarantella; além de questões teórico-metodológicas relacionadas ao trabalho de campo na Etnografia europeia e à própria relação entre a Etnografia e a Linguística.

Àquela altura, eu já estava completamente dedicada à minha investigação sobre o léxico da navegação da Bahia, especificamente sobre a Arte da construção naval e seus extraordinários Mestres carpinteiros. Outra diretriz, na época condicionada pela complexidade daquele universo, era transitar por esses campos sem perder de vista que eu era uma Linguista que precisava de instrumentos de

outros domínios da ciência – o que era a minha escolha e a minha identidade epistemológica. Aquela mesa tão plural foi uma revelação e um marco, pois diante de mim estava a diversidade em profusão materializada nos idiomas, perspectivas de análise, culturas e ferramentas teóricas e metodológicas.

No entanto, todos nós estávamos abrigados sob um mesmo teto, todos trabalhadores obstinados pelos seus ofícios, todos filhos do mesmo Pai: Humboldt. Aquele que foi a síntese do navegador incansável em busca de respostas que, na verdade, pode nunca ter pretendido, realmente, encontrar. Seu horizonte desejado parecia mesmo serem elas, as perguntas instigantes. Aquelas que surpreendem a todo momento os que se debruçam sobre as tarefas árduas e primitivas da observação, da descrição e do relato das experiências – afinal, o fértil berço da boa ciência.

Agora, refazendo as rotas que me levaram a trabalhar sob o foco das relações entre a linguagem e a cultura, sinto o impulso de, antes de expor as ideias que amalhei sobre essa interface, oferecer aos que não o conhecem, um pouco da incrível e prolífica vida de Wilhelm von Humboldt, aquele que lançou nos vastos campos das Humanidades as sementes da Etnolinguística.

NÃO SE PODE CLASSIFICAR UM FENÔMENO SEM TOCÁ-LO

O tratado de Humboldt *sobre a diversidade da estrutura da linguagem humana e sua influência sobre o desenvolvimento espiritual da humanidade* teve sua primeira edição em 1836¹. Os originais integram a primeira parte da monumental *Obra sobre o kawi (Kawi-Werk)*, um manuscrito de 759 páginas, com correções de seu próprio punho, e que se encontra atualmente na *Königliche Bibliothek*, em Berlim. A obra foi publicada, postumamente, por seu irmão, o grande naturalista Alexander von Humboldt, e é considerada como o trabalho mais representativo das concepções linguísticas de Humboldt, e até hoje um dos mais transcendentais em toda a história do pensamento ocidental sobre a teoria da linguagem.

Nascido em 22 de junho de 1767, em Berlim, Wilhelm von Humboldt era filho de família de sólido poder econômico, muito ligada à cultura e à corte prussiana. Os irmãos Wilhelm e Alexander (este que percorreu o mundo – inclusive o Brasil – em seus estudos geográficos e etnológicos) receberam uma educação no sentido de um humanismo aberto e progressista, envolvendo desde os clássicos gregos e latinos, passando pelas ciências naturais, pela literatura, e pelas constantes viagens pela Alemanha de então.

Parece-me que o *turning point* na vida e no pensamento emergente de Humboldt ocorreu em 1789, quando contava 22 anos, durante uma viagem para a França revolucionária, acompanhando um antigo professor. Ali se deparou com as ruínas da Bastilha, repercutidas também pelas ruas, nos asilos, orfanatos e hospitais. A partir de então, ele passa a assumir que o verdadeiro conhecimento seria aquele que se fundava na experiência viva das pessoas, em suas histórias, línguas, culturas e organizações sociais. Ao longo de sua vida, essa postura terá um impacto profundo em suas obras. Desde a sua juventude, portanto, Humboldt já se

definia como um estrangeiro entre as ciências, atuando como diplomata, filólogo, historiador e filósofo.

Para ele não havia um território próprio, nenhuma disciplina “pátria em si mesma”. Todo conhecimento estaria, irremediavelmente, interligado, o que se refletiu nos seus trabalhos posteriores.

A escolha por se aproximar dos fenômenos em suas manifestações originais o levaria para mundos cada vez mais distantes e complexos. Essa atitude, no entanto, convivia com uma profunda interação com a intelectualidade do seu tempo. Desde muito cedo, foram intensas e produtivas as suas relações com cientistas, filólogos, humanistas e escritores a exemplo de Franz Bopp, Jacobi, Schiller, Wolf, Koerner, Goethe, Schütz e Mme de Staël.

Era também grande a sua interlocução com seu irmão, Alexander von Humboldt. Grande botânico, naturalista e viajante², que teve, como o irmão Wilhelm, um *pensamento nômade*, como diz Ottmar Ette, num saboroso ensaio publicado no último volume impresso da Revista Humboldt, do Goethe Institut, em 2013. No texto, traduzido do alemão por Marcelo Backes, Alexander von Humboldt é apresentado como “um nômade da ciência”, em constante movimento; um caráter móvel que marcou o seu estilo de pensar e de fazer ciência, e influenciou de um modo igualmente intenso, o seu estilo de vida”. (ETTE, 2013, p. 15).

Talvez pela sólida e transcultural educação que receberam, os textos dos irmãos Humboldt sempre se desdobram para múltiplas perspectivas, várias possibilidades de pesquisas, novas paisagens. Definitivamente, eles não eram eruditos voltados apenas para dentro de si mesmos; interessavam-se pelo mundo, como diz Ette, “de um modo absolutamente vital e irrequieto”.

A atitude agregadora de Wilhelm von Humboldt tornou possível, inclusive, unir arte e ciência; e todas essas áreas conviviam na mente de um cientista que, na condição de viajante através das ciências, desdobrou um conhecimento, necessariamente, transdisciplinar.

Por outro lado, embora em tempos de redes bastante remotas, mantinha intensa e produtiva comunicação entre os vários expoentes da ciência da época, em várias partes do mundo, revelando uma incansável capacidade de trabalhar e argumentar sob diferentes pontos de vista disciplinares.

Sem se dar conta, o cientista-nômade abriu uma vereda para os estudos das línguas e culturas que seria mais tarde trilhada por nomes como Franz Bopp, Franz Boas, Edward Sapir e Benjamin Worf, homens que se aventuraram para além de suas cercas epistemológicas, deslocando-se dos muros restritivos de suas referências particulares, abrindo novas perspectivas para estudos entre aqueles domínios.

Na primavera de 1835, Humboldt faleceu em Potsdam, às vésperas de completar 68 anos. Apesar de um apelo quase romântico, seu legado remanesce sem a devida repercussão entre os que se debruçam sobre as intersecções envolvendo línguas e culturas, incluindo aqui a linguística brasileira. Talvez isso se dê pela dificuldade moderna com os deslocamentos de nossos pontos de vista, embora nossos bem articulados discursos digam o contrário. Esse é, contudo, um

paradoxo que precisa ser considerado, já que ele mesmo, o deslocamento, é o principal atributo para quem se aventura pelos caminhos da Etnolinguística, ciência que não se faz se permanecemos acomodados aos nossos gabinetes e às nossas convicções.

SEMENTES SÃO PARA SE LANÇAR: HUMBOLDT E A LINGUAGEM

Sempre defendendo que o mundo não poderia ser conhecido através de uma única língua, muito menos apenas pelas línguas da ciência de então, Wilhelm von Humboldt se debruçou sobre todo material linguístico de que dispunha nas bibliotecas europeias, copiando para a o seu acervo pessoal muitas obras inéditas. Essa convivência com a filologia da época e seus mais notáveis e díspares expoentes foi extremamente valiosa quando decidiu se concentrar no tema da linguagem.

Além disso, sua intensa caminhada por variados domínios do conhecimento, permeada pela reflexão e pelo debate produtivo com outros pensadores e cientistas, permitiu que o acesso aos domínios da linguagem fosse o mais ampliado possível, e as suas postulações menos sujeitas às restrições dos paradigmas conceituais e metodológicos da época. Assim, ele trouxe para a teoria da linguagem uma perspectiva nunca antes elaborada: a amplitude e a multidimensionalidade como ponto de partida para a sua investigação, o que veio a se configurar no aspecto mais característico (e mais desafiador) das suas considerações sobre a própria estrutura da linguagem.

No que se refere, especificamente, à diversidade linguística, o interesse de Humboldt se concentrou na reflexão sobre a individualidade das línguas, de sua fisionomia, seu caráter, de seus traços nucleares que nos permitiriam compreender o princípio básico que rege o papel de cada língua como órgão formador do pensamento. Somente sua excepcional cultura linguística e filológica, unida a uma fantástica intuição do que seria a essência da linguagem, lhe permitiu superar obstáculos aparentemente intransponíveis e criar um sistema de pensamento linguístico cujas possibilidades estão, até hoje, muito longe de haverem sido esgotadas (AGUD, 1990, p. 17).³

Um pensamento tão fortemente influenciado pelas ciências naturais tenderá sempre a perceber a realidade pelas lentes de um sistema de fatos, perspectiva que sugere para a teoria da linguagem uma relação dinâmica entre fatualidade e virtualidade; entre realidade e possibilidades. Tudo isso sem perder de vista outro aspecto definidor de sua teoria da linguagem, como fortemente imbricada com a evolução espiritual da humanidade, refletindo cada etapa de seus progressos e decaídas ao longo da história.

Vista assim, a linguagem não seria um produto da atividade do homem, mas uma emanção espontânea do seu espírito; não é obra das nações, mas um dom que lhes é outorgado por seu próprio destino interior (HUMBOLDT, 1990 [1836], p. 28). Essa forma de entender a linguagem como elemento e fator da individualidade repercute na elaboração do que seriam seus traços essenciais: seu

caráter que não é de um produto acabado de que se faz uso (*ergon*); mas de (*energeia*), de força e de impulso que geram uma incessante criação de formas, isto é: o trabalho de tornar inteligíveis e comunicáveis o pensamento e as sensações (AGUD, 199, p. 7). Na verdade, dizia Humboldt, a língua e a natureza humana procederiam ambas simultaneamente e em recíproca conformidade, da profundidade incansável da *anima*.

Compreendidas as línguas como manifestação externa do *espírito dos povos*, nos encontraremos sempre em meio à sua história, já que todas as línguas recebem das gerações anteriores material procedente de tempos que já não poderíamos, de outro modo, vislumbrar. Trata-se de um testemunho da “atividade do espírito” que, além de referir ao já acontecido, segue transformando (como atividade permanentemente criativa) a realidade em curso. Tudo isto espelhado nos diferentes níveis dos usos linguísticos.

A vinculação de Humboldt ao “espírito humano” foi destacada por um nome fundamental para a Linguística Moderna, o filólogo romeno radicado na Alemanha Eugenio Coseriu (1921-2002). Em seus *Principios de semántica estructural* (1977), Coseriu salienta o aspecto cultural da linguagem, considerando-a como uma forma de cultura, talvez a mais universal de todas, e a primeira que distingue, imediatamente, o homem dos outros seres da natureza. Ele retoma as concepções de Humboldt, defendendo que todo ato linguístico é mesmo um ato criador e que se funda em um saber. Enquanto tal (um ato criador), a linguagem possui as características das demais atividades criadoras do espírito, em que a materialidade não é o fator determinante. Os objetos culturais, assim, pertencem à dimensão da liberdade – das atividades e criações livres do homem, um saber transmissível e, enquanto tal, um domínio essencial da cultura: com tradição e normas próprias.

Esse alinhamento, comum tanto a Coseriu quanto a Humboldt, até hoje se configura num enorme desafio para os estudos etnolinguísticos, sobretudo do ponto de vista metodológico. Isto porque, sob essa perspectiva, as comunidades idiomáticas devem ser consideradas também comunidades culturais, uma vez que cada uma delas corresponde a um determinado patrimônio cultural que, de diversas maneiras, reflete a língua.

Quanto ao campo léxico (ou campo linguístico de signos), uma estrutura articulada estará subordinada a um complexo conceitual, mais ou menos fechado. O emprego efetivo das palavras distintas que compõem esse campo léxico será orientado pelo sistema e pelos falantes em suas comunidades linguísticas, em situações de uso também específicas.

Por essa via, o vocabulário que empregamos para nomear essa miríade de interações humanas representam a “última capa linguística anterior à realidade; quer dizer, a dimensão da língua em união imediata com a realidade extralinguística” (GECKELER, 1971, p. 215). Essa *articulação* entre o mundo real e o universo conceitual é, para Humboldt a característica mais geral e mais profunda de toda a língua. E, justamente, essa articulação hierárquica do vocabulário é um ponto fundamental para a teoria humboldtiana: na língua tudo é articulação. As palavras se articulam a partir do campo e os campos, por sua vez, se articulam a amplitudes superpostas e assim sucessivamente até o todo da língua.

Um outro desdobramento dessa noção está no trabalho de Jost Trier⁴, que dá uma definição geral de seu conceito de campo léxico, igualmente apoiada no princípio da *articulação*: campos são as realidades linguísticas vivas, situadas entre as palavras individuais e o conjunto do vocabulário, que, enquanto “totalidades parciais”, têm como características comuns com a palavra o articular-se (al. *ergliedern*), e o organizar-se (al. *ausgliedern*) com o vocabulário, em graus hierárquicos distintos.

As ideias de J. Trier foram desenvolvidas por seus alunos, particularmente por L. Weisgerber, com quem Trier associou-se ainda nos anos 30. Essa interação foi bastante produtiva para a Linguística, uma vez que Weisgerber se tornou líder do movimento *Sprache und Gemeinschaft* (Linguagem e Sociedade), responsável pela maior parte das publicações da chamada Teoria dos Campos Trier-Weisgerber.

Inspirando-se em Humboldt, que concebe a língua como uma atividade (*energeia*) e não como uma obra (*ergon*), Weisgerber distinguiu uma análise linguística “estática” (método gramatical, aplicado à forma) e outra “energética” (método plenamente linguístico, aplicado ao rendimento e ao efeito de sentido). Vemos aqui uma interessante inserção do contexto externo num modelo de investigação linguística, arejando um pouco a então predominante atmosfera da análise formal. A importância nessa ideia de campo foi ter chegado a ser por um tempo o conceito metodológico central da investigação aplicada ao conteúdo semântico e, ao mesmo tempo, a chave para o desvelamento de uma visão linguística do mundo (cf. GECKELER, 1971).

Para os futuros encaminhamentos experimentados pelas pesquisas em linguagem e cultura, aquele foi mais um legado interessante deixado por Humboldt, que está entre os primeiros a se debruçar sobre línguas distantes do foco da época, como o basco, o chinês, o javanês e línguas indígenas da América do Sul. Ele era alguém que via nesse intenso mergulho o próprio sentido de sua jornada pelas ciências, acreditando ter encontrado na arte e no uso da língua um veículo para percorrer as alturas, as profundidades, e provar o que havia de mais diverso no mundo.

Através de Humboldt, a investigação linguística se insere numa visão autenticamente antropológica, integrando-se ao esforço pela compreensão do homem em suas várias esferas de atuação. A Linguística, sob essa perspectiva, se subordina ao escopo máximo e universal de um empenho coletivo para a compreensão do espírito humano. Essa mesma humanidade que esclarece a si própria, em suas múltiplas relações como o mundo material e imaterial à sua volta e para além de si, em suas dimensões simbólicas.

ECOS DE UMA CIÊNCIA HUMILDE: O CAMPO DA ETNOLINGÜÍSTICA

De modo geral, todos temos alguma percepção do quão amplas e variadas são as esferas do comportamento mediadas pela linguagem. Através dela, educamos as gerações mais novas, transmitimos valores e saberes. Pela linguagem fazemos juramentos, aceitamos e recusamos ideologias e formas de pensar e de

agir enquanto indivíduos e coletivamente. Narramos o nosso passado e projetamos o futuro usando a linguagem. Aprendemos também conteúdos de enorme carga simbólica para a formação e consolidação de nossas identidades. Somos reconhecidos pela modalidade de língua que falamos, pelos nossos nomes e pelo lugar que ocupamos em sociedade.

Mas também o somos pela forma como preparamos e comemos nossos alimentos; pelos nosso vestuário e pelas nossas condutas nas celebrações de nascimentos, casamentos, aniversários; pelos nossos rituais de despedida dos entes queridos. Mergulhados na linguagem, que é temperada pelas nossas matrizes de cultura, construímos meios de transporte que nos conduzem por rios, mares ou estradas para o trabalho ou para o entretenimento. Enfim, o aprendizado de uma língua, decididamente, veicula as interações com nossas pautas de cultura.

No entanto, a construção de um aparato teórico e metodológico para estudos no campo de interseção entre Línguas e Culturas carece de um demorado debruçar sobre os trabalhos que ousaram nomear suas perspectivas de análise como “etnolinguísticas”. Um desses textos fundadores é o de Eugenio Coseriu, primeiramente apresentado em 1978, em João Pessoa – Paraíba, durante o programático I Congresso Nacional de Sócio e Etnolinguística.

Naquele evento, Coseriu proferiu a conferência *Fundamentos e tarefas da Sócio e da Etnolinguística*, que foi gravada e, posteriormente transcrita e divulgada entre os congressistas. Tive acesso a uma cópia dessa transcrição pelas mãos da sempre querida Professora Suzana Cardoso, que a abrigava no Setor de Língua Portuguesa, do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia.

Aquele texto teve uma movimentada vida editorial, possuindo algumas versões circuladas em universidades às quais Coseriu esteve ligado. Em 1983, uma versão em espanhol foi publicada nas atas das conferências do trigésimo aniversário da Faculdade de Humanidades da Universidad de La Republica, em Montevideo.⁵

Em seu manual *Lenguaje y cultura: la etnolinguística*, de 1991, Manuel Casado Velarde faz referência àquele ensaio em uma das raras publicações no mundo que assumem o termo Etnolinguística em seus títulos. Descobri o seu trabalho na monumental biblioteca do *Ibero-Amerikanisches Institut Berlin*, durante a minha temporada de estudos na Alemanha, em 2001. A contribuição de Coseriu tem grande destaque nessa obra, além de outros participantes na história do pensamento linguístico relacionado à cultura dos diversos povos sob estudo, como por exemplo Humboldt, Karl Vossler, e Edward Sapir.

Coseriu dirigia, em seus *Fundamentos*, recomendações cautelosas a uma Sociolinguística, àquela altura, ainda “jovem”, trilhando um caminho célere na direção da plenitude teórica e metodológica que logrou alcançar anos mais tarde. A esse respeito, dizia ele:

Uma definição como “A sociolingüística é o estudo da linguagem em relação com o contexto social (ou a estrutura social das comunidades falantes)” é imprecisa e ampla demais. Imprecisa porque se não se diz de que plano da linguagem e de que tipo de relação com o texto social se trata e qual é o sentido dos problemas correspondentes. Tal definição permite *sociolinguísticas* muito diferentes, como a de Bernstein e a de Labov. É ampla demais, porque

tende a abarcar toda a Linguística: com efeito, uma vez que toda a linguagem se dá em algum contexto social e em relação com alguma estrutura social das comunidades falantes. (COSERIU, 1978, p. 3).

Por isso mesmo, afirmava ser necessário precisar e delimitar o objeto próprio da Sociolinguística enquanto ramo de estudos pertencente à ciência da linguagem, pois as tarefas de uma disciplina dependeriam de seus objetos, assim como os métodos das suas tarefas.

Quanto à Etnolinguística, muito embora já experimentasse um destino mais modesto do que a Sociolinguística, também carecia de uma delimitação em seu escopo teórico. Nesse ponto de sua exposição, Coseriu estabelece uma delimitação até hoje muito respeitada e presente nos poucos trabalhos que se esmeram em definir seus objetos de estudo à luz de pressupostos etnolinguísticos:

É oportuno, primeiro, limitar a Sociolinguística (como estudo da linguagem, como disciplina linguística, não sociológica) ao estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a estrutura social das comunidades falantes; e a Etnolinguística, (como disciplina linguística, não etnológica ou etnográfica), ao estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a civilização e a cultura. (COSERIU, 1978, p. 4).

Se a Sociolinguística, para o linguista romeno, já se desdobrava em várias disciplinas, a Etnolinguística experimentava “uma notável ampliação do objeto” que, na época, lhe era atribuído. Além disso, os estudos etnolinguísticos tinham-se desenvolvido de forma “fragmentária e, por assim dizer, casual, isto é, segundo o interesse ocasional dos linguistas que se ocuparam de problemas etnolinguísticos e segundo o que, em circunstâncias determinadas, chamou mais a atenção desses linguistas” (*idem*, p.5).

Nesse caso, os níveis linguísticos mais contemplados eram o léxico e semântico, como se viu na Escola *Wörter und Sachen*; na Geografia Linguística iniciada por Gillieron e continuada em Atlas como o *Sprach und Sachatlas Italiens und der Südschweiz* (Jaberg e Jud, 1928-1940); nos estudos sobre a cultura popular, sobre a cultura material, sobretudo na formação e desenvolvimento de vocabulários técnicos e científicos.

Uma outra tendência, essa com uma sobrevida mais robusta no âmbito da linguística descritiva, foi a busca por determinações etnográficas da linguagem, geralmente em contextos das chamadas “culturas exóticas”, tratando-se de fenômenos que se distanciavam do “comum” e do “corrente” para o investigador e para seu ambiente cultural de origem. Ainda assim, mesmo indiretamente, esses estudos foram relevantes para delimitação de uma abordagem Etnolinguística:

Mas tudo isto é insuficiente, pois a determinação da linguagem pelas “coisas” e pelo “saber relativo às coisas” abarca muito mais do que tudo que foi considerado até hoje. É oportuno, pois, ampliar e completar a Etnolinguística hoje existente até fazê-la coincidir com uma “Linguística esqueológica” que estude toda a

contribuição do “conhecimento das coisas” à configuração e ao funcionamento da linguagem. É neste sentido que o termo “Etnolinguística” se empregará no que se segue. (COSERIU, 1978, p.5).

Aqui se delinea uma abordagem que, efetivamente, parte da correlação entre *Linguagem e Cultura*. No entanto, somente se fará Etnolinguística (ou Linguística Etnográfica) se o objeto de estudo for **a linguagem**, e se forem tratados **os fatos linguísticos** enquanto determinados pelos “saberes acerca das coisas”. Ao contrário, caso o objeto de estudo seja **a cultura**, e se forem tratados os saberes enquanto manifestados pela linguagem, ou, em sentido mais limitado, se a linguagem for tratada enquanto uma manifestação cultural, far-se-á uma Etnografia Linguística ou Etnografia da Linguagem.

Assim sendo, a essencial e instigante relação entre a Linguagem e Cultura pode caminhar, fundamentalmente, em três sentidos diferentes: por um lado, a própria linguagem é uma forma primária de cultura, da objetivação da criatividade humana (ou do “espírito criador”, nas palavras de Humboldt). Todavia, a linguagem reflete também a cultura não linguística, sendo a própria atualidade da cultura. Isto posto de outra forma: a linguagem manifesta os saberes, as ideias e crenças acerca da realidade conhecida. Nesse ponto, especificamente, Coseriu situa uma “justificação racional para a Etnolinguística”: a atuação de uma competência extralinguística de que um falante se vale para expressar o seu conhecimento de mundo, suas interações sociais, seus saberes e crenças acerca do mundo material e imaterial.

Ainda que os estudos linguísticos tenham sempre admitido a existência do “aspecto cultural” e do “fator extralinguístico”, o tratamento da informação cultural, geralmente, tem ficado a desejar. Mesmo o significado, muitas vezes, tem sido considerado “extralinguístico” por muitos estudos, ainda que de base lexical⁶, certamente porque não pode ser analisável com base nos mesmos métodos empregados, por exemplo, para abordar a estrutura de uma frase. Declarar, apenas, que um fenômeno está no âmbito da cultura, sem propor uma interpretação, é reduzir sua dimensão e representatividade nessa mesma cultura, além de privar os futuros pesquisadores dessa saudável colaboração entre disciplinas.

Talvez aqui resida um dos motivos para o temor e afastamento de muitos pelos aspectos antropológicos da língua, além do compreensível esforço do Estruturalismo por tornar a Linguística uma disciplina autônoma, ou para lhe conferir respeitabilidade científica, para usar as palavras de Raimondo Cardona (2006). Esse esforço repercutiu tanto na Linguística europeia quanto na americana, consolidando teorias e métodos adequados às diferentes propostas de análise de dados linguísticos.

A Antropologia, por sua vez, foi aprimorando suas técnicas de recolha e análise buscando a compreensão da linguagem e interpretação de seu ambiente sociocultural, embora não sendo o uso linguístico, propriamente, uma de suas tarefas. Curiosamente, porém, devemos a Boas e Malinowski, dois extraordinários antropólogos, a fundação de uma linguística de base antropológica, inserindo-a no âmbito da Antropologia.

Contudo, agora que essas disciplinas alcançaram sua maturidade e autonomia, não há mais razão em se ocupar com refinamentos para estabelecer e cultivar fronteiras e delimitações. Antes, o cenário atual é muito mais favorável ao encontro e cooperação entre esses dois grandes domínios das Humanidades, através de projetos em que convivam seus diversos métodos e teorias, fazendo-se, assim, justiça a uma aproximação histórica tão relevante entre essas áreas.

A literatura etnológica resultante dessa abordagem desenvolveu-se, sobretudo, pela busca da compreensão da diferença. Interessavam-se os europeus pela diversidade para, afinal, redescobrir o que era igual em sua própria cultura ou, ao menos, observar como o igual e o diverso conviviam num único sistema, que por ser autenticamente peculiar àquela determinada cultura, era, portanto, irreproduzível na história. Cardona (2006), por exemplo, vê aqui um eixo para o refinamento dos próprios métodos antropológicos.

Para esse etnolinguista italiano, por mais superficial que seja, a percepção da diferença pode despertar a consciência sobre nós mesmos, num fluxo e refluxo de contatos entre línguas, costumes, crenças de distintas populações, além das próprias perspectivas de observação e análise.

Também a Etnolinguística seguiu um percurso similar. Os estudos clássicos que serviram de modelo para o desenvolvimento da disciplina eram voltados para comunidades distantes e pouco conhecidas. Esse “exotismo”, no entanto, não deve nos levar a uma leitura equivocada dos desdobramentos desses estudos. A característica principal da Etnolinguística não é a de apenas estudar, programaticamente, o que é distante e desconhecido ao invés do que é familiar; ou povos sem escrita e não comunidades letradas. Não se trata também de, simplesmente, mudar o foco da abordagem, preferindo o conhecido ao ignorado.

Antes, a missão primordial é abordar todas as manifestações linguísticas em relação com a cultura que a produziu, a partir de uma rede de categorias universalmente válidas. Em seu manual de Etnolinguística, Cardona (2006) demonstra que muitos fenômenos tidos como “particulares” de um agrupamento humano específico encontram correspondência em sociedades bastante diversas, independentemente do grau de estratificação social e de desenvolvimento tecnológico.

Poderá ser este, afinal, o *locus* perfeito para a inserção de estudos, verdadeiramente, interdisciplinares acerca da relação entre a língua e uma comunidade de falantes e seu aparato de conhecimentos, regras de comportamento, suas formas de interpretar e interagir com a realidade partilhada num dado agrupamento social.

Todo problema seria, então, de linguagem? A essa pergunta Lèvi – Strauss⁷ oferece um entrelaçamento essencial, o mesmo valendo para a Arte: “A linguagem me parece ser o fato cultural por excelência” (CHARBONNIER, 1989). Inicialmente, ele diz, a linguagem é uma parte da cultura, uma aptidão que trazemos e seguimos aprimorando nas tradições externas. Além disso, trata-se de um instrumento vital para assimilarmos a cultura de nosso grupo. Mas, acima de tudo, a linguagem:

(...) é a mais perfeita de todas as manifestações de ordem cultural que formam, de uma forma ou de outra, sistemas. E, se queremos compreender o que é a arte, a religião, o direito,

talvez mesmo a cozinha ou as regras de boas maneiras, é necessário concebê-los como códigos formados pela articulação de signos, num modelo de comunicação linguística. (CHARBONNIER, 1989, p. 138).

Assim compreendida, uma ciência humilde, a Etnolinguística se funda, afinal, na colaboração e interdependência de ciências irmãs, sem as quais o seu objeto de estudo remanesce sem a merecida explicação. Da Linguística recebe os métodos de recolha e análise dos dados; da Antropologia receberá o auxílio para as possíveis interpretações do cenário, do quadro em que se manifestam as realidades investigadas.

Sempre consideradas sob a perspectiva das regras culturais mais amplas a que estão submetidas, as amostras devem ser estudadas “de per si”. O olhar do investigador que se lança a um trabalho dessa intensidade precisa captar os sistemas submersos sob as coordenadas culturais em que se situa o objeto de seu interesse científico. Assim, poderemos chegar a um inestimável ganho, o de ampliar a nossa percepção sobre os nossos próprios fenômenos e, quem sabe, de alcançar inesperados domínios do conhecimento e da experiência humana.

NOTAS PARA AS COISAS FUTURAS

“Etnolinguística... Este é um nome complicado”. De vez em quando, em nossas sessões de orientação, a Profa. Rosa Virgínia Mattos e Silva murmurava essa frase enquanto lia os capítulos de minha tese de doutorado. Agora, enquanto escrevo estas reflexões, rememoro muito de nossas produtivas conversas nos constantes encontros que tivemos no seu pequeno gabinete, no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia.

Talvez estas linhas sejam ainda um esboço na direção de “descomplicar” publicamente a Etnolinguística, como uma espécie de tributo à memória de quem teve a generosidade de me conduzir por um caminho um tanto íngreme nos estudos da linguagem, dadas as suas múltiplas interseções com outros campos das Ciências Humanas e Sociais.

Num ritmo diferente, ditado pelo mover compassado dos anos, permaneço na trilha onde pus os meus pés desde que um antropólogo e linguista chamado Edward Sapir (1884-1939) me cativou nas aulas de introdução à Linguística, quando eu iniciava a graduação em Letras. Por ora, além de rememorar o passado, penso num futuro em que todas essas influências tomem assento em torno de animadas mesas de debate e de partilha de observações, de pontos de vista teóricos e metodológicos, e de variadas formas de considerar o mundo, suas histórias, línguas e culturas.

Por enquanto, temos a missão permanente de estimular futuros pesquisadores a prestar atenção ao que ocorre para além do foco principal dos conteúdos que buscam descrever e interpretar. Posso garantir que, justamente, foram esses “desvios” que instigaram a minha curiosidade e acabaram por motivar

a minha rota na direção das complicações de lavrar num campo de difícil contorno teórico-metodológico, mas que sempre esteve (embora discretamente) integrado às malhas da História dos estudos da linguagem, buscando encontrar e compreender as muitas linhas que costuram os fenômenos no tecido social onde se atualizam.

Notas

¹ Para este ensaio, consultei a tradução espanhola por Ana Agud, publicada em Barcelona, pela Anthropos/Ministerio de Educación y Ciencia, em 1990. A edição é enriquecida por um interessantíssimo Prólogo, escrito pela mesma autora, apresentando aspectos tanto da movimentada existência de Humboldt quanto de suas contribuições para a ciência.

² Entre 1799 e 1804, empreendeu uma viagem às regiões equinociais do Novo Mundo, com Aimè Bonpland (1773-1858). Mal retornou dessa expedição, já planejava a próxima, que o levaria às profundezas da Ásia, em 1829. Essa era a essência de sua visão da ciência: a sua *Erfahrung* – termo alemão para designar ‘a experiência através da viagem’, uma consciência do mundo conseguida pelo deslocamento disposto a alcançar novas vistas e quadros da Natureza e a novas visões das culturas; um saber em constante mobilidade.

³ Considerei o *Prólogo* escrito por Ana Agud tão substancial e relevante que optei por citá-lo em separado.

⁴ O trabalho em questão é o *Der deutsche Wortschatz im Sinnbezirk des Verstandes. Die Geschichte eines sprachlichen Feldes*. Heidelberg, 1931. (Tradução minha: O vocabulário alemão e o espírito do significado. A história de um campo lexical).

⁵ O texto encontra-se integralmente disponível em: www.romling.uni-tuebingen.de/coseriu/publi/coseriu247.pdf

⁶ Desde minhas primeiras incursões nos estudos léxico-semânticos, percebi a lacuna entre as análises linguísticas e as interpretações do entorno cultural. A convivência com o prestigioso grupo de Dialectologia da Universidade Federal da Bahia abriu meus sentidos para observar as pautas culturais que condicionavam a escolha lexical dos falantes.

⁷ Lèvi-Strauss desenvolve uma bela reflexão sobre a Cultura e a Linguagem em uma das entrevistas realizadas por Georges Charbonnier, publicadas sob o título *Arte, Linguagem e Etnologia*, pela Papyrus, em 1989.

Referências

CARDONA, Giorgio Raimondo. **Introduzione all'Etnolinguística**. Milano: UTET Università, 2006.

CHARBONNIER, Georges. **Arte, linguagem e etnologia**. Entrevistas com Claude Lèvi-Strauss. Campinas: Papyrus, 1989.

COSERIU, Eugenio. **Princípios de Semântica estrutural**. Madrid: Gredos, 1977.

COSEIRIU, Eugenio. **Fundamentos e tarefas da sócio e da etnolinguística.** Conferência apresentada no I Congresso Nacional de Sócio e Etnolingüística. João Pessoa, 1978. (Cópia mimeografada).

COULON, Alan. **Etnometodologia.** Petrópolis: Vozes, 1995.

GECKELER, Horst. **Semántica estructural y teoría del campo léxico.** Madrid: Gredos, 1971. (Versión española de Marcos Martínez Hernández).

GOMES-DIAS, Denise. Sheltered bays: linguistic and ethnographic approach to maritime communities of Bahia-Brazil. In: **Maritime contacts of the past. Deciphering connections amongst communities.** New Delhi: Delta Books World, 2014. (p. 627-640).

GOMES-DIAS, Denise. Sobre artes, ofícios e linguagem: notas sobre uma abordagem etnolinguística. In: **Studia Iberystyczne.** Portugal, Brasil, África. Em torno de Virgílio Ferreira. Kraków: Księgarnia Akademicka, 2010. (p. 65-75).

GOMES-DIAS, Denise. **Os segredos da Arte:** um olhar etnolinguístico sobre os carpinteiros navais do Baixo Sul da Bahia. Feira de Santana: Uefs Editora, 2009.

GOMES-DIAS, Denise. Modos de dizer e modos de fazer: reflexões sobre linguagem e trabalho. **Sitientibus.** Feira de Santana/BA, n. 29, p. 09-28, 2004.

ETTE, Otmar. O pensamento nômade. In: **Passagens - Humboldt** 107. Bonn: Goethe Institut, 2013, p. 14-16.

HUMBOLDT, Wilhelm v. **Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano y su influencia sobre el desarrollo espiritual de la humanidad.** Barcelona: Anthropos; Madrid: Ministerio de Educación y Ciencia, 1990. (Traducción y prólogo de Ana Agud).

JABERG, K. & JUD, J. **Sprach und Sachatlas italiens und der Südschweiz.** Zofingen: Ringier & Co., 1928.

MARINO, L. **Wilhelm v. Humboldt nella cultura contemporánea.** Bologna: Il Mulino, 1976.

VELARDE, Manuel Casado. **Lenguaje y cultura: la etnolinguística.** Madrid: Editorial Síntesis, 1991.

Para citar este artigo

GOMES-DIAS, D. Humboldt é nosso pai: ensaio sobre a cultura, a linguagem e a Etnolinguística. **MACABÉA – REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI**, CRATO, V. 8., N. 2., 2019, p. 323-337.

Denise Gomes-Dias é Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia e Christian-Albrecht Universität zu Kiel (2004), e membro do corpo de pesquisadores do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. É Professora Titular de Língua Portuguesa do Departamento Ciências Humanas - Campus I da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, onde desenvolve pesquisa no campo da Etnolinguística, particularmente estudos ligados ao universo linguístico-etnográfico da navegação e construção naval artesanal em comunidades do Baixo Sul da Bahia. Desde 2012, é Pesquisadora Associada do J. Richard Steffy Ship Reconstruction Laboratory, Departamento de Antropologia da Texas A&M University (USA).